

MARX EM SEUS LIMITES (1978)¹

Louis Althusser

Apresentação de Marquessuel Dantas de Souza

EM DEFESA DE ALTHUSSER (DURANTE)

Um dos mais influentes e criativos autores do século XX. Nasceu no ano (1918) do centenário do nascimento de Karl Marx (1818-1883) e faleceu em 1990. Louis Althusser, um homem contra o seu tempo.

Por que Louis Althusser é visto com desconfiança pelos marxistas? Qual a razão para ele ser hostilizado ou censurado pelos intelectuais marxistas? Quais são os motivos que os esquerdistas [bem como direitistas] tem para não gostarem de estudar os escritos althusserianos? Em que medida ou em que sentido, ou mesmo até onde os marxistas burgueses [e proletários] rejeitam ou fingem não entender Althusser? Será que ele despertou o gigante adormecido (Karl Marx) e os seus seguidores não gostaram porque ele desenterrou as fundações marxistas? Althusser, por certo, deferiu ou golpeou a fraqueza marxiana e marxista? Ele conseguiu abranger o que seus antecessores e seus contemporâneos insuficientemente fizeram: estudar Marx de outro ângulo? e sem dogmatismo? Não planejado? O que Althusser fez com a lógica marxista? Althusser, escapou da alienação e da ideologia burocrática acadêmica e jornalística? Certamente, realizou as duas situações. Não deixou de ser acadêmico, mas esteve às margens com seus discursos demolidores e edificantes.

Podemos chamá-lo de *marxianista*?² Pois sua filosofia marxista em muitas ocasiões foge do marxismo de origem. Seu pensamento é duplo, tanto traduz e decifra o marxismo, quanto rompe com ele e inova para com o mesmo. Althusser às vezes nos faz crer que ele mesmo estar contra o marxismo; no entanto, ele é um dos maiores

¹ ALTHUSSER, Louis. *Marx dans ses limites* (1978). In: **Écrits philosophiques et politiques**. Tome I. Textes réunis et présentés par François Matheron. Livre de Poche. Paris: STOCK/IMEC, 1999. 605p. Texto inédito no Brasil. Tradução de Marquessuel Dantas de Souza.

² Termo utilizado por nós para nos referir ao marxista crítico-rigoroso do marxismo.

defensores do marxismo. Ele simplesmente não aceitou o Marx e o marxismo que lhe apresentaram e buscou, ele mesmo, estudá-los com originalidade. Em realidade, Althusser é um autor singular; em suma, um autor contra o seu tempo.

Rompendo com todos os laços marxistas ou ainda indo contra toda a tradição do marxismo ortodoxo – assim como o fez corajosamente Raymond Aron em sua influente obra *L'Opium des intellectuels* (1955) –, Althusser inaugurou a "inversão marxista", ou melhor, "pôs Marx e o marxismo de cabeça para baixo ou à contrapelo". Algo desafiador e que chocou e desesperou os marxistas tradicionais da segunda metade do século XX. Portanto, marcou época. Ainda hoje o pensamento althusseriano mantém esse desafio inegável.

Suas críticas polêmicas e desafiadoras foram introduzidas por meio da publicação de dois livros polêmicos: *Pour Marx* (1965) e *Lire le capital* (1965); retomadas cuidadosamente em *Éléments d'autocritique* (1974), passando por alguns artigos isolados (palestras) e por fim, prolongadas em *Marx dans ses limites* (1978). Althusser realizou e inaugurou, nesta acepção, uma rigorosa crítica aos fundamentos e à essência de Marx e do marxismo, bem como dos marxistas; e orientou sua preocupação para com o futuro da ciência como sociabilização dos homens. Althusser, assim entendemos, tocou e forçou audaciosamente a lógica de Marx e do marxismo; e experimentou dessa lógica. O que fez ser tal como foi.

Althusser moveu as colunas e as pedras angulares que até então havia sustentado intacto o edifício do marxismo; ele incomodou seus adeptos, os tirou da zona de conforto em que sempre estiveram. Alterou seus hábitos. Realizou o que muitos não fizeram: contradizer e desmistificar Marx e o marxismo. Com isso, foi declarado ingênuo ou pervertido, subversivo e perigoso (louco) para o universo marxista; apesar de sua incansável contribuição em emancipar o marxismo. E para emancipá-lo, considerava que seria preciso mapear toda a evolução do pensamento de Marx, sem fazer apologia ao mesmo (coisa que os marxistas tradicionais apenas faziam [assim como muitos atualmente continuam fazendo e tantos outros continuarão a fazer]). Quer dizer, Althusser exigia a realidade crua e nua, e não a realidade encoberta, camuflada ou fingida. Eis então, assim consideramos, a razão em que chamou o marxismo de uma íntima ideologia de caráter burguês – e muito distante daquilo que os marxistas

pensavam. Com efeito, Althusser iniciou uma enorme revolta nos marxistas tradicionais e foi atacado incessantemente, em muitos países; desde os seus primeiros escritos aos últimos. Provocou escândalo, principalmente na esquerda marxista. Buscou desconstruir o marxismo arcaico. Sua mais profunda resposta às críticas recebidas, foram defendidas em *Réponse a John Lewis* (1973). E retomadas como contra-respostas em *Éléments d'autocritique* (1974). Alguns de seus textos da década 1970, publicados postumamente, possuem um teor de respostas às críticas que lhes foram direcionadas.

É certo que discordamos de Althusser em muitos pontos de sua obra (exposições de idéias), mas não podemos deixar de reconhecer seus méritos para com os estudos marxistas. Ele iniciou um novo modo de encarar o marxismo, questionando a trajetória de Marx ao longo de sua vida intelectual. Embora muitos desconfiem das abordagens althusserianas, consideramos que seus ensinamentos mostram como a doutrina marxista intervém de maneira egoísta proclamando o inevitável: a superação de classes. Ora, o marxismo é uma tautologia; exerce influência no plano teórico; e se desejamos tal triunfo de classes, como abolir a burguesia se o marxismo é um movimento social burguês? Bem entendido, são os próprios intelectuais marxistas-burgueses que incitam o desaparecimento de sua classe (a burguesia), sem, contudo, perceberem o que estão tentando promover. Isto é, nenhum intelectual marxista (jornalistas, professores universitários e escritores, principalmente) se reconhece como burguês. Apesar de ser absolutamente burguês. Althusser nunca deixou de ser marxista, embora negasse ser estruturalista. Manteve sua filosofia marxista até o fim da vida, por vezes, na autobiografia publicada postumamente tenha declarado sua decepção para com o marxismo (ver *L'avenir dure longtemps* [1992]).

Em alguns de seus escritos (ver referências), Althusser buscou demolir o dogma marxista. Ele descobriu que Marx nunca tinha sido estudado como deveria. Para isso, efetuou uma investigação crítica sobre a teoria, a filosofia e a ciência de Marx e do marxismo. Em outros termos, desconfiou do político, do teórico e do histórico em Marx. Em suma, suspeitou do seu pensamento. Althusser havia descoberto um Marx oculto nos discursos marxistas. E, certamente, realizou o que nunca haviam feito antes: questionar os seus fundamentos, sua evolução e seus fins: sua lógica.

Algo parecido, por assim dizer, aconteceu com Simone Weil. Porém, de modo restrito. Mas corajosamente. Pois esta efetuou algumas críticas contundentes ao marxismo. Assim como o fez Althusser e Aron, Simone também questiona e põe em dúvida o caráter e a essência do marxismo. Sua principal obra onde encontram-se tais questionamentos intitula-se *Opression et liberté* (1955), que compila textos de 1934. Esta obra concentra, ao longo do texto (além dos ensaios aqui consultados [ver referências]), passagens elucidativas quanto as denúncias à Marx e ao marxismo. Para Simone, o marxismo é uma corrente de pensamento, grosso modo, contraditória e equivocada. Por isso, assim seja, é preciso e fundamental refutá-lo por um lado, afim de emancipá-lo por outro. Isto é, enfrentar Marx e o marxismo sem hesitações por parte de quem os estuda, não apenas se submetendo aos mesmos, mas realizando novas descobertas, como aquelas engendradas por Althusser. Eis então, um passo importante a ser dado.

O escrito *Marx dans ses limites* (1978) só fora publicado postumamente e de modo intencional pelo ator. Uma vez que ele assim o queria (conforme a apresentação de François Matheron aos *Écrits philosophiques et politiques. Tome I*). Isso, talvez, para evitar hostilizações ou censuras que lhe foram dirigidas durante toda a sua vida. Este escrito althusseriano, igualmente com o que acontecera com alguns dos mais dignos escritos de Karl Marx (*Manuscritos de 1844, Teses sobre Feuerbach, Grundrisse, A ideologia alemã*, publicados postumamente), foi publicado após a morte de Althusser e por seus estudiosos adeptos.

– Aqui traduzimos apenas e tão somente alguns artigos contidos em *Marx dans ses limites* (1978); aqueles mais provocativos. Traduzimos três artigos que são polêmicos quanto a seus conteúdos (*Marx era marxista?; O marxismo seria um rio com três fontes?; Os "limites absolutos" de Marx sobre a ideologia*). Doravante, acreditamos que estes escritos contribuirão para novos estudos.

Textos consultados para esta apresentação:

ALTHUSSER, Louis. *Marx dans ses limites* (1978). In: **Écrits philosophiques et politiques**. Tome I. Textes réunis et présentés par François Matheron. Livre de Proche. Paris: STOCK/IMEC, 1999. 605p.

ALTHUSSER, Louis. **L'avenir dure longtemps**, suivi de *Les faits*: autobiographies. Édition établie et présentés par Olivier Corpet et Yann Moulier Boutang. Paris: STOCK/IMEC, 1992. 359p.

ALTHUSSER, Louis. *Soutenance d'Amiens (Marx et l'humanisme théorique)*. In: **Positions**. Paris: Éditions sociales, 1976. 172p. [Publicado originalmente – com o título *Est-il simple d'être marxiste en philosophie?* – na revista **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Paris: Éditions Sociales, n° 183, pp. 03-31, octobre. 1975].

ALTHUSSER, Louis. **Éléments d'autocritique**. Paris: Librairie Hachette Littérature, 1974. 128p. (Collection Analyse)

ALTHUSSER, Louis. *Sur l'évolution du jeune Marx (1970)*. In: **Éléments d'autocritique**. Paris: Librairie Hachette Littérature, 1974. 128p. (Collection Analyse)

ALTHUSSER, Louis. *Réponse a John Lewis*. In: **Réponse a John Lewis**. Paris: François Maspero, 1973. 101p. (Collection Théorie).

ALTHUSSER, Louis. *Préface: du Capital à la philosophie de Marx*. In: ALTHUSSER, Louis e BALIBAR, Étienne. **Lire le Capital**, vol. I. Paris: François Maspero, 1971. 188p. (Petite collection maspero; 30). Original de 1965.

ALTHUSSER, Louis. *Le marxisme n'est pas un historicisme*. In: ALTHUSSER, Louis e BALIBAR, Étienne. **Lire le Capital**, vol. I. Paris: François Maspero, 1971. 188p. (Petite collection maspero; 30). Original de 1965.

ALTHUSSER, Louis. *L'immense révolution théorique de Marx*. In: ALTHUSSER, Louis e BALIBAR, Étienne. **Lire le Capital**, vol. II. Paris: François Maspero, 1971. 232p. (Petite collection maspero; 31). Original de 1965.

ALTHUSSER, Louis. *Préface: Aujourd'hui*. In: **Pour Marx**. Paris: François Maspero, 1965. 261p. (Collection Théorie; 1).

ALTHUSSER, Louis. *Marxisme et humanisme*. In: **Pour Marx**. Paris: François Maspero, 1965. 261p. (Collection Théorie; 1). [Publicado originalmente com o mesmo título nos *Cahiers de l'Institut des Sciences économique Appliquées (Cahiers de l'I. S. E. A)*, Economies et Sociétés - Philosophie et Sciences de l'homme, Série M. Paris: Publications de l'Ismea, n° 150, pp. 109-133, juin. 1964].

ALTHUSSER, Louis. *Sur le Jeune Marx (Questions de théorie)*. In: **Pour Marx**. Paris: François Maspero, 1965. 261p. (Collection Théorie; 1). [Publicado originalmente com o mesmo título na revista **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, n° 96, pp. 03-26, mars-avril. 1961.]

ARON, Raymond. **L'opium des intellectuels**. Paris: Calmann-Levy, 1955. 337p.

WEIL, Simone. **Opression et liberté**. 10^a édition. Texte écrit en 1934. Paris: Gallimard, 1955. 279p. (Collection Espoir)

WEIL, Simone. *Sur les contradictions du marxisme*. In: **Opression et liberté**. 10^a édition. Texte écrit en 1934. Paris: Gallimard, 1955. 279p. (Collection Espoir)

WEIL, Simone. *Y-a-t-il une doctrine marxista?* In: **Opression et liberté**. 10^a édition. Texte écrit en 1934. Paris: Gallimard, 1955. 279p. (Collection Espoir)

MARX EM SEUS LIMITES (1978)

Louis Althusser

Marx em seus limites foi redigido durante o verão de 1978, pouco após a publicação, no *Le Monde* de 24-27 de abril, de seus quatro artigos: *O que não pode durar no partido comunista*.

Nesta obra com título eloqüente, Louis Althusser tenta fazer um balanço da condição da teoria marxista esboçada durante os meses precedentes em seu "Prefácio"³ no livro de Gérard Duménil: *O conceito de lei econômica em "O capital"*; em sua intervenção ("*Enfim a crise do marxismo*")⁴ no colóquio de Veneza, organizado por Il

³ ALTHUSSER, Louis. *Avant-propos*. In: DUMÉNIL, Gérard. **Le concept de loi économique dans "Le Capital"**. Paris: Maspero, 1978. 435p. pp. 07-26. (Collection Théorie). Texto muito interessante redigido em fevereiro de 1977. (N. T.)

⁴ No ensaio *Marx dans ses limites* (1978), o título do primeiro artigo (*Enfin la crise du marxisme a éclaté*), retoma o título da intervenção de Althusser no colóquio de Veneza. Publicado, como sabemos, primeiramente em *Il Manifesto – Potere e opposizione nelle società post-rivoluzionarie: una discussione nella sinistra*. Quaderni n. 8. Roma: Curato da Afani, 1978. 303p. Depois traduzido, é sabido, para o francês em *Il Manifesto – Pouvoir et Opposition Dans les Sociétés Post-révolutionnaires*. Paris: Seuil, 1978. pp. 242-253. 296p. (Collection Combats). Devemos ressaltar que são escritos diferentes. Ou seja, o texto sobre a crise do marxismo publicado em *Marx dans ses limites* (pp. 369-374), não é o mesmo que fora apresentado no colóquio.

– Consultamos uma versão alemã do artigo apresentado em Veneza. [Pois não tivemos acesso a versão original italiana.] ALTHUSSER, Louis. *Endlich befreit sich etwas Lebendiges aus und in der Krise des Marxismus*. pp. 65-73. Traduzido do italiano por Büdiger Stiebitz. In: **Alternative, Krise des Marxismus**, 21. Jahrgang, Heft 119, abril [Berlin] 1978. [Alternativa, Crise do marxismo, vol. 21, n. 119, abril, Berlim, 1978]. (N. T.). Esse mesmo escrito em francês encontra-se no livro de Althusser *Solitude de Machiavel*, publicado em 1998.

Manifesto, em novembro de 1977; ou ainda em seu artigo "*O marxismo hoje*"⁵, redigido em fevereiro de 1978 e publicado em italiano na Enciclopédia Garzanti.

Marx em seus limites não faz parte dos textos que Louis Althusser pôs em circulação: apenas alguns bastante familiares tivemos acesso.

Nota de apresentação do ensaio *Marx dans ses limites* por François Matheron (p. 352). Tradução nossa.

"Todos os colchetes presentes ao longo do texto são acréscimos do tradutor".

MARX ERA "MARXISTA"?

Podemos, primeiramente, manter este simples fato que não parece muito, mas que é essencial.

Marx disse, ao menos uma vez: [*je ne suis pas marxiste*] "*eu não sou marxista*"⁷. O termo é conhecido. Pode-se tomar esta expressão como dito por um espírito livre,

⁵ ALTHUSSER, Louis. *Un bilancio critico*. In: **Enciclopedia Europea**. Volume VII. Milano: Garzanti, 1978. 1087p. pp. 280-282. Também comumente referido ou conhecido como *Il marxismo oggi*. Texto muito interessante e bastante curioso, além de ousado/atrevido e radical. (N. T.)

No verbete *Marxismo*, da Enciclopedia Européia, Althusser finaliza a exposição com um balanço crítico sobre o marxismo naquele momento (1978). Eis porque o título *Un bilancio critico*, e que comporta perfeitamente as idéias de Althusser naquela ocasião; vejamos uma reluzente passagem: "[...]. As apostas em jogo nesta reflexão radical é o *marxismo hoje*: que começa finalmente a se conhecer o que é, e mudará". Esse texto de Althusser juntamente com o escrito *Le marxisme aujourd'hui*, parece um acerto de contas com o marxismo. [Lembremos que o verbete *Marxismo*, da Enciclopedia Européia, contém contribuições de Iring Fetscher, Gianni Vattimo e Louis Althusser.] – *Un bilancio critico* é uma versão reduzida de *Il marxismo oggi*. Este último escrito é um estudo mais amplo, ou melhor, é a versão completa da exposição contida na Enciclopédia. *Il marxismo oggi* apareceu originariamente em italiano na obra de Louis Althusser *Quel che deve cambiare nel Partito Comunista*. Traduttore Francesco Fenghi. Milano: Garzanti, 1978. 144p. pp. 107-126. (Collana Saggi Blu)

Devemos registrar que os textos *Avant-propos* (original de 1977), *Enfin la crise du marxisme* (original de 1977 e publicado em 1978), *Le marxisme comme théorie "finie"* (1978), *Le marxisme aujourd'hui* (1978) e *Marx dans ses limites* (1978) fazem parte dos raros escritos de Althusser sobre seu período vivido denominado de "crise do marxismo". Todos os textos citados anteriormente (não considerando *Marx dans ses limites*) estão compilados em ALTHUSSER, Louis. **Solitude de Machiavel et autres textes**. Édition préparée et commentée par Yves Sintomer. Paris: PUF, 1998. 328p. (Collection Actuel Marx Confrontation). Acréscimo do tradutor.

⁶ ALTHUSSER, Louis. *Marx était-il "marxiste"?* – *Marx dans ses limites* (1978). In: **Écrits philosophiques et politiques**. Tome I. Textes réunis et présentés par François Matheron. Livre de Proche. Paris: STOCK/IMEC, 1999. 605p. pp. 376-381. Texto inédito no Brasil.

modesto e cáustico. Mas as coisas não são tão simples. Pois o próprio Marx exigia de seus leitores, no Prefácio de *O capital*, que eles "pensem por si mesmos", e completava sua exigência escrevendo:

Todo julgamento inspirado por uma crítica verdadeiramente científica será para mim bem-vindo. Diante os preconceitos daquilo que se chama *opinião pública*, à qual nunca fiz concessões, tomo por divisa, como antes, a palavra do grande florentino (Dante): segue teu caminho e deixa as pessoas falarem!⁸

A coisa tornara-se séria: pensar por si mesmo, pensar livremente, ridicularizar-se totalmente dos "preconceitos da opinião pública", não quer dizer *pensar não importa o quê*, mas ao contrário, *dizer a verdade*, em nome do qual toda crítica "científica" é então declarada bem-vinda.

Na verdade, Marx estava profundamente convencido, digo, absolutamente convencido, sem nenhuma hesitação interior, por haver inaugurado um novo conhecimento, – e contra todos aqueles que se propuseram neste domínio –, a única verdade: *o conhecimento das condições, das formas e dos efeitos da luta de classes*, ao menos sob o modo de produção capitalista. Não é que a história das "formas pré-capitalistas" inexistam para Marx, uma vez que ele consagrou um estudo suficientemente breve nos anos de 1857-1858, que permaneceu por muito tempo inédito⁹ e a ele recorre muito freqüentemente no mesmo texto de *O capital*. Mas o centro [o núcleo] de toda sua atenção e de sua convicção era o modo de produção capitalista: ademais, quando se tratava de outros modos de produção, estava menos

⁷ Proposta de Marx a Lafargue relatada por Engels numa carta à Bernstein (2-3 de novembro de 1882). Primeira redação: "Marx amava repetir". Nota da edição original. Grifos do tradutor.

– Essa carta de Engels à Bernstein de 1882 encontra-se publicada em MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Werke**. Band 35. Berlin: Dietz Verlag, 1967. 594p. Consultado para esta tradução. "Je ne suis pas marxiste" [bin ich kein Marxist], p. 388. A citação original está em língua francesa. Uma passagem semelhante encontra-se numa carta de Engels à Schmidt de 5 de agosto de 1890 [p. 436] (quando Marx fala dos marxistas franceses do fim dos anos 1870). MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Werke**. Band 37. Berlin: Dietz Verlag, 1967. 681p. Consultado para esta tradução. – Todos os demais grifos no corpo do texto, bem como as aspas são conforme o original. Acréscimo do tradutor. (N. T.).

⁸ *O capital [Le Capital]*, prefácio da primeira edição alemã, Paris, Éditions Sociales, 1959, t. 1, p. 21. Nota da edição original. – Na edição brasileira consultada, tal citação encontra-se na página 81, porém, modificada. Prefácio da primeira edição. MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 1ª edição, 2ª reimpressão. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014. 895p. (Coleção Marx & Engels). Acréscimo do tradutor.

⁹ O autor se refere aqui aos manuscritos *Grundrisse*. – Podemos considerar, grosso modo, que os escritos *Grundrisse* de 1857-58 e *Contribuição a crítica da economia política* de 1859, complementam, *O Capital* de 1867 vol. I, 1885 vol. II, 1894 vol. III e 1905 vol. IV [*Das Kapital*]. Grifos do tradutor. (N. T.).

seguro (nos damos conta [disso] agora). E Marx não tinha medo [não receava], em sua época, de dizer e redizer em sua língua que era o primeiro a realizar obra de "*ciência*" (*Wissenschaft*) no domínio da descoberta. Devemos se ater a este descobrir no sentido rigoroso: *descobrir* é, em espécie, para Marx, libertar [ou libertar-se], se ver livre da sociedade capitalista de todas as construções ideológicas que a recobrem para mascarar e assegurar assim a dominação de classe da burguesia. Entende-se que Marx estava convencido de "produzir", de expor, para ver e compreender, *pela primeira vez*, em sua clareza/precisão e sistematicidade, os conhecimentos objetivos, portanto, a ajudar e guiar um movimento revolucionário do qual mostrava ao mesmo tempo que já existia realmente nas massas operárias e que tudo conduzia a dar-lhe a força e os meios de abolir a luta de classe e as classes.

Sob esta relação, *Marx era realmente "marxista"*, ele acreditava em sua obra, da qual declarava "científica" sem jamais ter hesitado sobre este termo – e não ideológica ou "filosófica". Uma ciência não como as outras, talvez, pois dizia que *O capital* era "o mais perigoso míssil lançado à cabeça da burguesia"; portanto, uma ciência "explosiva", escandalosa, "revolucionária", certamente, mas uma "ciência".

Mas, dizendo de si mesmo que "não era marxista", Marx protestava antecipadamente contra toda interpretação de sua obra como sistema ou visão filosófica ou ideológica, em particular como nova versão das "filosofias da História". Protestava *sobretudo* contra a idéia que ele tinha enfim descoberto a "ciência" deste "objeto" que se usava, na cultura burguesa, então com o nome de Economia Política. Por isso mesmo Marx protestava antecipadamente contra a idéia que seu pensamento podia reivindicar não só por apresentar, mas por possuir uma *unidade total*, ou *totalizante*, pensamento que se chamaria "o" marxismo, e que esta obra "uma" poderia ter sido produzida por "um" autor: ele mesmo, este intelectual de origem burguesa, Karl Marx – judeu, "naturalmente".

Marx se pôs assim em guarda [sob vigília] contra esta pretensão *recusando em dizer que O Capital era "ciência" da Economia Política*, mas ao contrário "*crítica da Economia Política*" (subtítulo de *O capital*). Aqui ainda é necessário entender "crítica" no sentido rigoroso dado por Marx: crítica de todas as pressuposições filosóficas idealistas, que pretendiam que a Economia política existisse como teoria própria e

exaustiva de um suposto "objeto" definido pelas categorias "ideológicas"¹⁰ próprias como sujeito, necessidade, trabalho, distribuição, consumo, contrato..., etc., todas relacionadas ao *sujeito de necessidade [carente], de trabalho e da intercâmbio como em sua origem*, e que uma "ciência" desse "objeto" definido por estes conceitos duvidosos, mas nada inocentes, fosse possível.

Marx não rejeitara em bloco os trabalhos dos economistas: refutara *a idéia* da Economia política tal qual lhes era imposta pela ideologia burguesa dominante, e formada a partir dos conceitos cujos mesmos venho enumerar alguns deles. Marx pensava que havia, nos trabalhos dos fisiocratas, de Smith, de Ricardo, Hodgskin, etc., elementos científicos, elementos de conhecimento objetivo, mas era preciso, para percebê-los e poder utilizá-los, mudar completamente de sistema de categorias, mudar de terreno, portanto, criticar radicalmente *não só* a Economia Política *mas* seu pretendido "objeto" (a satisfação das necessidades, ou a produção da "Riqueza das Nações", et.), portanto, sua pretensão em ser a "ciência" do objeto no qual acreditava falar. A Economia Política falava bem, mas outra coisa, à saber, dos "valores" políticos da ideologia burguesa, isto é, entre outros, da política (econômica) da burguesia disfarçada, pelas razões ideológicas e políticas, em "Economia Política".

Mas ao mesmo tempo, Marx alterou (sem, talvez, perceber) o sentido tradicional da expressão: "crítica de...", portanto, o sentido *do conceito de crítica*.

A velha noção de crítica, elevada à dignidade filosófica por todo um século, de Bayle à Kant, estava encarregada por toda a tradição racionalista de separar o falso do verdadeiro, de libertar o verdadeiro do falso (dos erros, dos prejuízos, das ilusões), ou ainda, o que é mais eficaz, como o fez Voltaire nos processos célebres, denunciar o erro em nome da Verdade, quando a Verdade era ridicularizada ou atacada pelo erro. Em seus trabalhos de juventude, Marx havia largamente retomado esta tradição racionalista para denunciar a "irracionalidade" das condições de existência da Razão (exemplo: o Estado é em si a Razão, mas ele existe sob formas não racionais ou irracionais; deve-se denunciar esta contradição, e o insulto feito ao Estado-Razão – pela crítica, para restabelecer a verdade e condenar o erro). Mas ao nível do *Capital*, Marx impôs a crítica em outro sentido, numa outra função. Como deveria escrever o inteligente comentador

¹⁰ Compreende-se evidentemente que esta não é uma categoria isolada, o que é ideológico, mas o que a torna pelo sistema que a submete. Nota da edição original.

russo que Marx cita no Posfácio da segunda edição alemão de *O capital*, a crítica não é para Marx o julgamento que pronuncia a Idéia (autêntica) sobre o real desfalecido ou contraditório, a crítica é crítica do real existente pelo real existente em si mesmo (seja por um outro real, seja pela contradição interna ao real). *Para Marx, a crítica é o real criticando a si mesmo*, eliminando seus próprios dejetos, para liberar e realizar laboriosamente sua tendência dominante, ativa nele. É neste sentido materialista da crítica que Marx pôde, desde 1845, falar do comunismo como o contrário [oposto] mesmo do "ideal", mas como "movimento real"¹¹ em sua tendência mais profunda.

Mas Marx não se contentava com esta noção, ainda abstrata, da crítica. Pois de qual "real" se tratava então? Tanto que não seja *de qual "real"*, trata-se, tudo pode ser real e invocado como real, tudo, ou seja, não importa o quê. Marx relacionava a crítica àquilo que, no movimento real, a fundava, isto é, para ele, em última instância, à luta de classe dos explorados, que podia objetivamente conduzi-la contra a dominação de classe burguesa à causa da natureza própria e unicamente à causa da natureza própria das formas de sua exploração atual: as formas da exploração capitalista. Eis porque, num estranho percurso que prova a acuidade [relevância] de sua consciência, Marx pôde escrever, no posfácio à segunda edição alemã de *O capital*:

Como uma tal crítica (crítica da economia política) representa uma classe, ela não pode representar (*vertreten*) a classe cuja missão (*Beruf*) histórica é revolucionar o modo de produção capitalista, e, finalmente, abolir as classes: o proletariado¹².

E se formos até o fim, é claro que por esta concepção da crítica, Marx recusava (certamente sem dizer explicitamente, e, portanto, sem tirar todas as conseqüências) a idéia então "evidente" para todos aqueles que ele pudera ser: o indivíduo Marx, o intelectual Marx, "o" autor (como origem absoluta, o criador) intelectual ou mesmo o

¹¹ "O comunismo não é para nós nem um *estado* que deva ser criado, nem um *ideal* sobre o qual a realidade deverá se regular. Chamamos comunismo o movimento *real* que anula o estado atual". (Karl Marx-Friedrich Engels, *Idéologie allemand*, Paris, Éditions Sociales, 1968, p. 64). Nota da edição original. – Na edição brasileira aqui utilizada, tal passagem encontra-se na página 38 como nota de rodapé, no entanto, modificada. Feuerbach e história [rascunhos]. **A Ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846). 3ª reimpressão. (Tradução Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano). São Paulo: Boitempo, 2015. 615p. (Coleção Marx & Engels). Acréscimo do tradutor.

¹² Na edição brasileira, esse trecho encontra-se na página 87, contudo, modificado. Prefácio da segunda edição. MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. 1ª edição, 2ª reimpressão. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2014. 895p. (Coleção Marx & Engels). (N. T.).

político de uma tal crítica. Pois era o real, a luta de classe operária tornara-se como verdadeiramente o autor (agente) da crítica do real por si mesmo. À sua maneira e em seu estilo, com sua cultura subvertida pela experiência que havia feito e fazia, com o sentido agudo que tinha dos conflitos, o indivíduo denominado Marx "escrevera" para este "autor"¹³, infinitamente maior que ele, para ele, *mas primeiramente para ele, sob sua insistência*.

O MARXISMO SERIA UM RIO COM TRÊS FONTES?¹⁴

E porque estamos na herança dos equívocos, podemos encontrar a mesma "delicadeza" [indecisão] (para não dizer outra coisa) na célebre tese de Engels, retomada sistematicamente por Kautsky numa brochura que tem esse título, e invocado por Lenin, ainda muito "clássico", sobre *As três fontes do marxismo*¹⁵. Outra maneira de refletir sobre a história do pensamento de Marx, desta vez sob a relação de suas origens.

¹³ Essa passagem interessante deixa nítido que Louis Althusser se refere à Karl Marx como um autor para além dele mesmo, maior que ele próprio, quer dizer, "Marx como marxista" (Marx marxista). Assim, pode-se acrescentar que Marx sempre esteve em seus limites: era marxista, era idealista e viveu sob a égide de sua íntima ideologia "marxista" (apesar de negar tudo isso). Isto, conforme um dos escritos de Althusser publicado postumamente "*Marx em seus limites (1978)*", cujo mesmo apresenta capítulos ou artigos bastante curiosos; eis alguns: "Marx era 'marxista'? [aqui traduzido]; "Marx ainda preso ao idealismo"; "Os 'limites absolutos' de Marx sobre a ideologia" [aqui traduzido]. (N. T.).

¹⁴ ALTHUSSER, Louis. *Les marxisme serait-il un fleuve à trois sources? – Marx dans ses limites (1978)*. In: **Écrits philosophiques et politiques**. Tome I. Textes réunis et présentés par François Matheron. Livre de Proche. Paris: STOCK/IMEC, 1999. 605p. pp. 397-400. Texto inédito no Brasil.

¹⁵ Karl Kautsky, *Les trois Sources du marxisme. L'oeuvre historique de Marx* (1907), trad. francesa Éditions Spartacus (sem data); Lenin, *Les Trois Sources et les trois parties constitutives du marxisme* (1913). In: Obras selecionadas em dois volumes, Edições de Moscou, 1948, t, II, pp. 63-68. Nota da edição original. – Edições brasileiras consultadas KAUTSKY, Karl. **As três fontes do marxismo**. 6ª edição. [Tradução Carlos Alberto Lourenço]. São Paulo: Centauro, 2004. 70p. – LENIN, Vladimir. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. pp. 69-78. In: **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. 3ª edição; revisão Armandina Venâncio. São Paulo: Global, 1980. 80p. (Coleção bases; 9) _____. *As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo*. pp. 63-70. In: **As três fontes**. revisão Ana Corbisier. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 94p. (Coleção caderno de expressão popular; 4); Edição espanhola – LENIN, V. I. *Tres fuentes y tres partes integrantes del marxismo*. pp. 23-29. In: **Fuentes y partes integrantes del marxismo**. Selección de Alberto Sánchez Mascuñán. México: Grijalbo, 1970. 153p. (Colección 70; 83)

É interessante observarmos que o texto de Lenin (1913) é bastante lúcido quanto as exposições das idéias, portanto, de fácil visualização quanto às fontes marxianas e marxistas. Uma vez que numa frase ele sintetiza e esclarece as fontes do marxismo (seu texto comporta menos de 10 páginas). Quer dizer, em relação ao texto de Kautsky (1908) de difícil visualização, o escrito de Lenin é, sem dúvida, de muito mais fácil entendimento e de uma sutileza singular (e quase didático) quando comparado ao de seu antecessor. Ambos os autores dialogam sobre as três fontes do marxismo, porém, Lenin de modo muito simples e genial supera Kautsky (assim consideramos); pois este último é obscuro e indireto ao falar das

Certamente, o pensamento marxista não nasceu do nada, ele tem antepassados e ancestrais imediatos, cujos mesmos, por outra parte, não estamos seguros que sejam os mais importantes, mas esta é uma outra questão que coloca em causa certas certezas da ideologia das "fontes" de um pensamento qualquer. Decerto, Marx e Engels eram, por suas formações universitárias, pois pela cultura que reinava na Europa ocidental, tornaram-se intelectuais instruídos da "filosofia alemã", da "economia política inglesa" e do "socialismo francês": uma vez que aí estão nossas "três fontes" e devemos reconhecer suas fontes à um rio. Notemos que o termo "socialismo francês" é suficientemente vago, a menos que possamos ver as ressonâncias das lutas de classe da Revolução francesa que Marx estudara com paixão, e das correntes revolucionárias radicais que prolongariam Babeuf ou se afirmariam com Blanqui. Pouco importa. O que importa, é a pretensão teórica e histórica de reduzir o pensamento de Marx a vaga confluência, às vezes necessária (para terminar o quadro) e imprecisa, dessas três correntes, e de dar conta do pensamento de Marx. Por isso, pode-se afirmar cautelosamente um dado princípio de segurança, sem dúvida às confianças morais necessárias sobre os títulos e a identidade de Marx (filho de Hegel, de Smith-Ricardo, de Saint-Simon e Proudhon... ou Babeuf e Blanqui?). Mas, ao mesmo tempo, se cai na banalidade das verdades de quatro herdeiros da genealogia bíblica (Abraão, filho de Isaac, filho de Jacó [*sic*], etc., portanto, Abraão mesmo, em pessoa), ou melhor, de uma história das idéias, incapazes de pensar a base sócio-político-teórica que impõe a necessidade de atender a essas Três grandes correntes constituintes, procedentes daquelas Três fontes, num pensamento definido: aquele de Karl Marx e consortes. E sobretudo, incapaz de transformar essa "oposição" em crítica revolucionária de seus próprios elementos constituintes.

Ninguém contestará que Hegel (e atrás dele a filosofia alemã), Ricardo (e por trás dele Smith e os fisiocratas, eles mesmos, por outra parte, singularmente avançados sobre Smith e Ricardo, pois eram teóricos da reprodução), e Proudhon tenham constituído o horizonte histórico de Marx. Eles representaram sua cultura obrigada, do qual todo intelectual de sua espécie, curioso por compreender seu tempo, devia partir [em busca] [d]a matéria primeira que devia elaborar, etc. Mas nada impõe, nesta enumeração tranqüilizante, que Marx teve de contornar a fachada ideológica e remover

fontes marxistas. Lenin, por sua vez, é claro e direto. Como já dito, seu discurso/artigo não ultrapassa 10 páginas. Acréscimo do tradutor.

os princípios, para perceber aquilo que Hegel chamava (à propósito da consciência de si) "o verso" [o dorso, a outra face], o reverso oculto¹⁶, a realidade escondida. No entanto, contornar, é justamente "mudar de terreno" e adotar uma posição distinta, posição "crítica revolucionária", aquela famosa "crítica que... representa o proletariado".

E reduzir a história dessa revolução no pensamento de Marx à simples confluência geográfico-fluvial do "três fontes", é então, no limite, ver em Marx um "autor" que soube habilmente ("seu gênio"!) combinar os elementos do qual se encontrava (mas porque? como?) o ponto de encontro.

É assim que nos apoiamos continuamente e, por certo, fora da tradição comunista, mas ocasionalmente dentro, pois *Marx não era senão "Hegel aplicado à Ricardo"*¹⁷ para fazer da Economia política uma "metafísica" (Croce, Aron, etc.). É assim que na tradição marxista e em primeiro lugar nas fórmulas de Marx, se preferiu pensar a revolução operada por Marx sobre os autores de suas "Três fontes" como uma "inversão" materialista *de cada elemento*, portanto, como um "de volta a suas raízes" da filosofia, da economia política e do socialismo utópico, cada elemento residindo intacto em suas estruturas: para constituir por milagre a *Economia política em ciência*, a *filosofia em materialismo dialético*, e as visões do *socialismo francês em filosofia da história*, ou ainda, [numa] versão prática de seu messianismo, em "*socialismo científico*"¹⁸.

Sabemos que essas últimas fórmulas não se encontram, sob esta forma, em Marx. Mas se encontram quase todas em Engels, que escreveu de Marx quando este vivia e, Engels dixit [disse], sob seu controle... E elas pertencem a história do marxismo, onde, à partir de segunda Internacional, representaram a definição oficial dadas ao marxismo, em três ocasiões: materialismo dialético, materialismo histórico, socialismo científico. Tivemos de "ajustar" mais tarde, no anos 1930, sob o impulso político direto de Stalin,

¹⁶ Hegel, *Phénoménologie de l'Esprit*, t. I, p. 77, ou ainda *Encyclopedie*, parágrafo 25. Nota da edição original. – Na edição brasileira aqui consultada (*Fenomenologia do espírito*), a referida passagem encontra-se na página 72 do volume I. HEGEL, G. F. W. **Fenomenologia do espírito**, 2 vols. 2ª edição. Tradução Paulo Menezes; e colaboração Karl-Hetz Efken. Petrópolis: Vozes, 1992. 271p. Acréscimo do tradutor.

¹⁷ Essa passagem contradiz todo o pensamento marxista tradicional, uma vez que nega tal evidência. Nota e grifos do tradutor.

¹⁸ Esta fórmula é tudo o que o 23º Congresso do PCF conservou de Marx, dizem como que seu resumo por excelência. Mas ela não é de Marx. Nota da edição original.

que encontrou a solução para declarar que o "materialismo histórico fazia parte integral do materialismo dialético". Como aqueles resultados eram bem guardados!

OS "LIMITES ABSOLUTOS" DE MARX SOBRE A IDEOLOGIA¹⁹

Evocando sempre os "limites absolutos" de Marx, queria mencionar aqui a concepção que se fez cedo demais da *ideologia*, a que, para meu conhecimento, ele não a renunciou.

Retomando o termo dos Ideólogos, mas desviando possivelmente de seu sentido original, Marx no fundo, sempre concebeu a ideologia como relacionada a forma-consciência, como "objeto" da consciência, ela mesma concebida muito classicamente como a capacidade do sujeito de estar presente às sensações, às emoções e às idéias que quer venham do fora [do exterior], ou de dentro [do interior]: sentido externo, sentido interno, sendo o sentido interno capaz de percepção, de reflexão, de retenção (lembranças), de protensão [extensão] (antecipação) e do julgamento, etc.

Sobre esta base, que retoma não apenas o tema filosófico "clássico" (= burguês) da consciência, mas que também situa o ato consciente de si no topo da hierarquia dos atos do sujeito, Marx trouxe uma importante contribuição considerando que as ideologias pudessem ser *sistemas de idéias e de representações*, nas quais é representada, mas deformadas e muitas vezes invertidas do sujeito em si, defendendo a tese do caráter social das ideologias (Lenin falara de "relações sociais ideológicas") e de sua função na luta de classes.

Ele, bem entendido, aplicou essa noção à luta de classes e às classes sociais e si mesmas. É assim que na *Miséria da filosofia*²⁰ ele distingue a classe social "em si" da classe social "para si" (portanto, tendo consciência de si), e atribui uma extrema importância a consciência política, não a simples consciência subjetiva que pode

¹⁹ ALTHUSSER, Louis. *Les "limites absolus" de Marx sur l'idéologie – Marx dans ses limites* (1978). In: **Écrits philosophiques et politiques**. Tome I. Textes réunis et présentés par François Matheron. Livre de Proche. Paris: STOCK/IMEC, 1999. 605p. pp. 508-513. Texto inédito no Brasil.

²⁰ MARX, Karl. **A miséria da filosofia**. Tradução e introdução José Paulo Neto. São Paulo: Global, 1985. 225p. (Coleção bases; 46). Na edição aqui utilizada, a referida passagem se situa na página 159. (N. T.).

provocar revoltas ou agressividades [tenções]; mas a consciência objetiva que alcança o conhecimento das condições objetivas da vida social, da exploração e da luta. As palavras de ordem "elevar a consciência" dos militantes, dar-lhe uma "verdadeira consciência de classe" são provenientes dessa tradição terminológica. No Prefácio à *Contribuição*²¹, Marx irá mesmo até falar das ideologias "onde os homens tomam consciência de seu conflito de classe e o levam até o final". Nesta última fórmula a ideologia não é mais considerada como a soma das idéias individuais, mas como uma realidade "espiritual" supra-individual que se impõe aos próprios indivíduos. Este é o sentido que triunfa finalmente em Marx: sob o mesmo termo, ideologia, ele cessara de pensar a representação individual falseada que um sujeito faz de si mesmo, para chegar a pensar uma realidade objetiva "em que" os homens, aqui as classes, mas também os indivíduos que figuram nas classes, "tomem consciência" de seus conflitos de classe e "o levem até o final".

Mas essa realidade relativa, que Marx logo não deixa de invocar (é na *Ideologia alemã* que aparece o conceito de ideologia dominante ligado à classe dominante), Marx jamais empreendeu *pensar*, acreditando estar sem dúvida, no princípio, desobrigado desta tarefa por sua "teoria do fetichismo", que efetivamente serviu de teoria das ideologias para as gerações de marxistas. Confrontados com este vazio teórico preenchido por uma teoria fictícia (aquela do fetichismo-alienação), aquela em que tentamos realizar uma explicação desta realidade social ideal produzindo enunciados decepcionantes. É assim que encontramos em Plekhanov²² uma explicação da ideologia em termos psicossociológicos completamente desarmado, porque redundante: Plekhanov se contenta por evocar, para explicar a natureza social da ideologia, a expressão "consciência social", o que faz a felicidade dos sociólogos, mesmo dos marxizantes. Gramsci, ao menos do meu ponto de vista, não trouxe grande coisa sobre essa questão, se contentando em insistir na função da ideologia como "*cimento*" *unificador* de um grupo social (Durkheim e outros já haviam dito), e substituindo com

²¹ MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2ª edição, 1ª reimpressão. Tradução e introdução Florestan Fernandes. São Paulo: Expressão Popular, 2009. 288p. Na edição aqui consultada, a esta passagem se situa na página 48. Porém, modificada. (N. T.).

²² Cf. G. Plekhanov, *Les Questions fondamentales du marxisme*, Éditions Sociales, 1947. Cujo um exemplar muito anotado foi encontrado na biblioteca de Louis Althusser. Nota da edição original. – Edição brasileira PLEKHANOV, G. V. **Questões fundamentais do marxismo**. Tradução João Batista de Lima e Silva. Rio de Janeiro: Vitoria, 1958. 197p. (Coleção: Biblioteca Da Nova Cultura; 12). Acréscimo do tradutor.

prazer a questão da ideologia por aquela da "cultura". Através disso, Gramsci fazia, assim, retornar as inovações de Marx "na ordem", nas vias clássicas da filosofia de seu tempo, que retomava um tema outrora "trabalhado" por Hegel, como por todo o idealismo alemão de Kant à Goethe, Fichte e Schelling.

O que se pode dizer, é que Marx, no fundo, nunca se separou da convicção de que *a ideologia são idéias*, e que para compreender uma ideologia é suficiente três termos de referência absoluta, a *consciência* (que Marx tinha a prudência de não declarar "social"), de uma parte, e as *idéias* por outra; de qualquer modo, bem entendido, no bom materialismo relacionado e comparado ao "*real*", nas condições reais do sujeito existente, seja um indivíduo ou uma classe, ou mesmo uma "sociedade"²³. Daí a regra materialista em que não se pode julgar nem um indivíduo, nem uma classe, nem uma sociedade, nem um período histórico sobre "sua consciência de si"²⁴.

Esta recomendação implicava o primado do real sobre a consciência, do "ser social sobre a consciência social" e individual. Ela implicava também que se soubesse distinguir a consciência do ser, logo, que se tivesse alguma concepção da deformação ideológica: seja simples deformação, seja inversão (como a imagem invertida no fundo da retina ou no quarto escuro). Mas essa deformação, como toda inversão (típica para Marx da relação ideológica), não deu origem, como todo o "fetichismo da mercadoria", à nenhuma outra explicação teórica senão no curso da alienação, concebida em termos vagos ou precisos, segundo o caso, e em termos diretamente retomado por Feuerbach. Este não é o caso, se tantos marxistas recorrem ao fetichismo para prestar contas da alienação ideológica: está na lógica da "operação" experimentada por Marx para pensar essas duas "aparências materiais", em termos, justamente da "operação" filosófica idealista.

De todo modo, o real e as idéias da ideologia não seriam *idéias*. A transparência da consciência corresponderia assim, a transparência da idéias. Malgrado todas as dificuldades que lhe propusera a história concreta, tal como tenta dar conta, por

²³ Neste parágrafo o autor busca ilustrar que para compreendermos a ideologia é preciso três coisas: a consciência, as idéias e o real. Só assim é possível entendermos a substância que constitui a ideologia. Vê-se que Althusser, ao se referir à Marx, insiste na proposição de que consciência e idéia são atributos diferentes, como percebemos na descrição. (N. T.).

²⁴ Essa regra materialista é o marxismo crítico de Althusser, uma vez que para ele o marxismo dito "real" intervém de outra forma. como se trata de uma crítica, vejamos o parágrafo seguinte para uma melhor clareza dessa explicação. (N. T.).

exemplo, em *O 18 Brumário*, apesar de todos os problemas que poderia se colocar à Marx sobre a existência das "ilusões" não só "da maior parte dos economistas", mas da maioria dos políticos e dos homens comuns²⁵. Marx nunca esteve constrangido de partir da reserva filosófica onde extraísse a consciência e as idéias, e os combinava com talento para obter o efeito de deformação desejada. Tudo nos faz crer visivelmente que as ideologias tivessem uma relação com a prática, onde os "interesses" de grupos ou de classes, Marx não tivesse superado [ultrapassado] "o limite absoluto" da existência material das ideologias e de sua existência material na materialidade da luta de classes. Ele não disse o contrário, porém, nada disse. Ficou do lado deste "limite", que para ele, nas "evidências" que aceitava, não era nada.

Sugerindo que as ideologias pudessem encontrar essa *existência material* nos aparelhos tendencialmente ligados ao Estado, tentei, num texto já antigo, sobre algumas questões incômodas, superar este "limite". Contra evidências, então, bastante fortes, busquei sugerir que se pudesse e devesse, senão sistematicamente, ao menos de modo tendencial, falar dos ideologias *em termos de Aparelhos Ideológicos de Estado*²⁶.

Criticaram essa sugestão dizendo que poderia ser do funcionalismo. Contudo, as notas de meu artigo de 1970 assinalam o perigo e o meio que eu já percebia, então, de como evitá-lo (afirmar e pensar o primado da luta de classe sobre os AIE). Em geral, foi removido [suprimido] de minha fórmula (AIE) a menção de Estado e se conservou a expressão de aparelho ideológico, por razões políticas evidentes. Não queremos, com isso, comprometer no caráter de classe do Estado os "valores" engajados sobre a "família", a "escola", a "saúde", a "arquitetura", o regime constitucional, a informação, a imprensa, a cultura, as Igrejas, os partidos, os sindicatos, etc.

E como o que preconizei parece que já fora dito, e bem melhor, por Gramsci, que efetivamente pôs a questão da "infraestrutura *material* das ideologias", mas para lhe dar uma resposta de preferência mecânica e economicista, acredito que falei sobre a mesma situação, da mesma coisa.

²⁵ Por exemplo as "ilusões" mantidas pelo *Programa de Gotha...* Nota da edição original.

²⁶ ALTHUSSER, Louis. *Idéologie et Appareils Idéologiques d'État (notes pour une recherche)*. In: **La Pensée**, Revue du rationalisme moderne - arts - sciences - philosophie. Nouvelle série. Paris: Éditions Sociales, n° 151, pp. 03-38, juin. 1970. (N. T.).

Creio, verdadeiramente, que Gramsci não tinha o mesmo objeto das minhas observações. Gramsci *nunca falou de aparelho ideológico de Estado*, mas de "aparelho hegemônico", o que deixa no vazio a questão para saber pelo que é assegurado [garantido ou proporcionado] o efeito da hegemonia do qual fala, nos aparelhos dos quais fala.

Gramsci define, em suma, seus aparelhos por seu efeito ou resultado, em si mau pensados, a *hegemonia*; portanto, da qual tentei definir os AIE sobre sua "causa motriz": a ideologia²⁷. Gramsci declara que os aparelhos hegemônicos pertencem a "sociedade civil" (a qual não existe nada fora do *seu conjunto*, à diferença da sociedade civil clássica que era toda a sociedade, *menos* o Estado²⁸), sob o pretexto de que são "privados", pensando, assim, como ele o fez na distinção do público (o Estado) e do privado (a sociedade civil), vindo, no entanto, numa de suas revira-voltas estupefacientes, surpreender [causar vertigem] porque contradiz palavra por palavra a fórmula que defende, à dizer que "*o Estado é a sociedade civil*"²⁹. Se pensarmos nessa perspectiva, estaremos comprometidos nas aventuras não da dialética (Gramsci tinha de sobra, ao menos para a manipulação das palavras) mas da *hegemonia*.

²⁷ Especificamente neste ponto, devemos frisar o seguinte: o que significado hegemonia para Gramsci, para Althusser significa ideologia. (N. T.).

²⁸ Vê-se que para Gramsci a sociedade civil moderna é composta por todo um conjunto de relações (indivíduos, instituições aparelhados e o Estado, que as legitima). Já a sociedade civil clássica, era composta dos indivíduos sem considerar as instituições e o Estado). (N. T.).

²⁹ Cf. *Cahiers de prison*, cahier 6, paragrafe 137. "Por Estado deve-se entender não somente o aparelho governamental, mas também o aparelho "privado" de hegemonia ou a sociedade civil". Passagem destacada por Althusser no livro de Christine Buci-Gluksmann: *Gramsci et l'État* (Paris, Fayard, 1975 [456p]). Nota da edição original.

– Consultamos o livro de Christine e o trecho que Althusser se refere se situa na página 89 (no original francês). Na edição brasileira, a mesma citação encontra-se na página 99. BUCI-GLUCKSMANN, Christine. **Gramsci e o Estado**: por uma teoria materialista da filosofia. Tradução Angelina Peralva. São Paulo: Paz e Terra, 1980. 499p. (Coleção Pensamento Crítico; v. 39). Consultamos também a citação de Gramsci no original em italiano: "... per Stato deve intendersi oltre all'apparato governativo anche l'apparato "privato" di egemonia o società civile" (GRAMSCI, § 137, p. 801). GRAMSCI, Antonio. **Quaderni del carcere**. Volume 2 (Caderni VI-XI). Caderni 6 (1930-1932). Edizione critica a cargo di Valentino Gerratana. Seconda edizione. Torino: Einaudi, 1977. p. 683-1509. 826p. Publicado em 4 volumes. Por vezes, aqui citemos a tradução das edições brasileiras dos Cadernos do cárcere: "por "Estado" deve-se entender, além do aparelho de governo, também o aparelho "privado" de hegemonia ou a sociedade civil" (GRAMSCI, § 137, pp. 254-255, 2007). GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Volume 3 (Caderno 6). 3ª edição. Tradução Carlos Nelson Coutinho, Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007. 428p. Publicado em 6 volumes. Acréscimo do tradutor.